

O QUE ACONTECE EM FRIBURGO?

UMA ANÁLISE SOBRE OS CONFLITOS DE MORADIA LIGADOS AO DESASTRE DE 2011

Lara Bernardo de Oliveira¹
Ednilson Gomes de Souza Junior²
Teresa de Faria Peixoto³

Introdução

Com o passar dos anos, se tornou mais urgente aprofundar as discussões sobre o aumento do aquecimento global e suas consequências ao planeta. Dentre os pontos principais sobre este tema, estão os desastres naturais, visto que houve um aumento das ocorrências, principalmente, em virtude das mudanças relacionadas aos fatores climáticos (MATA-LIMA et al., 2013).

O importante a ser destacado é que para um evento natural tornar-se um desastre é necessário, além de sua localidade em meios sociais, as possíveis consequências devastadoras que ele representa. Para Mata-Lima et al. (2013), eles superam a capacidade de controle das infraestruturas construídas pelo homem, causando perturbações nefastas no meio ambiente e à sociedade, produzindo, assim impactos socioeconômicos sérios.

Compreende-se a gravidade de um acidente natural por meio da capacidade de recuperação e do nível de ajuda externa que a sociedade irá precisar em relação aos danos produzidos. Estas consequências podem ser materiais, vítimas humanas, perdas dos meios de subsistência entre outros (MATA-LIMA et al., 2013). Sendo assim, os acidentes naturais expõem as fragilidades das sociedades onde eles ocorrem, pois, geralmente, são em regiões mais vulneráveis que, ao se conjugarem com eventos naturais de grande intensidade, irão produzir os maiores impactos, tanto ambientais quanto socioeconômicos (MATA-LIMA et al., 2013). Logo, a vulnerabilidade é um fator determinante para analisar os impactos dos acidentes.

Desta forma, este trabalho tem como objetivo analisar os conflitos ligados à questão da moradia no município de Nova Friburgo, analisados à luz do desastre

¹ Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Email: 00119140473@pq.uenf.br

² Gestor Ambiental, Doutor em Políticas Sociais e Pesquisador de Pós-Doutorado pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Contato: Ednilson.junior@yahoo.com.br

³ Doutora em Estudos Urbanos (EHESS, Paris). Professora do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Contato teresapf@uenf.br

ocorrido em 2011. O trabalho foi conduzido por meio de uma metodologia de revisão bibliográfica e análise de reportagens publicadas entre 2011 e 2023, que foram encontradas por meio de pesquisa no google. Para isto, foram utilizadas palavras-chaves como: “Nova Friburgo + área de risco”, “condomínio terra + Nova Friburgo”, “tragédia de 2011 em Nova Friburgo”, entre outros.

Resultados e Discussão

Para uma contextualização, vale destacar, que o desastre ocorreu em sete cidades da Região Serrana do Rio de Janeiro, na madrugada do dia 12 de janeiro de 2011. A localidade "sempre se caracterizou por uma grande vulnerabilidade natural: (BUSCH e AMORIM, 2011, p.2)

No total, oficialmente, ao fazer recorte visando apenas Nova Friburgo, foram mais de 440 mortos, sendo assim, o município com mais vítimas fatais. Além de 180 mil pessoas afetadas diretamente e indiretamente na cidade.

Os resultados deste trabalho foram analisados tendo como parâmetro o debate de Motta (2011) sobre conflitos urbanos e moradia. A autora destaca que a questão da habitação é um dos principais problemas sociais urbanos no Brasil atualmente e que este fato corrobora para inúmeros tipos de conflitos e reivindicações.

A autora destaca a existência de três tipos de conflitos ligados à moradia: Tipo 1 - conflitos ligados ao direito de permanência e acesso à residência. A estratégia usada para as reivindicações são desde diálogos com secretarias até criação de movimentos em comunidades; Tipo 2 - lutas em que se reivindica melhorias na infraestrutura dos bairros e uma condição de vida mais digna. Esses conflitos evidenciam as consequências de uma segregação espacial vivida em algumas cidades; e Tipo 3 - lutas contra a remoções de moradores devido a obras feitas por órgãos governamentais. Nesses é reivindicado melhores critérios para as retiradas de moradores e indenizações maiores para aqueles que perdem a suas casas.

Na primeira análise, percebeu-se que Nova Friburgo é uma cidade que ainda tem inúmeras áreas de risco. Segundo os dados do Serviço Geológico do Brasil, que foram divulgados em 2022, a cidade tem 254 áreas de risco. Sendo assim a segunda com mais áreas, das estudadas pelo serviço, perdendo apenas para Ouro Preto com 313. (AMORIM, 2023)

De acordo com Coelho (2022), nas 254 áreas de riscos na cidade, estão construídas mais de 7.500 casas, onde moram mais de 30 mil pessoas. Desta

maneira, a pergunta que se faz é: porque após uma catástrofe tão grande que produziu tantas vítimas, a comunidade friburguense ainda se encontra morando nessas localidades?

Ribeiro (2010) e Filho e Cortez (2010), em seus respectivos artigos, apontam motivos para este fato. Ribeiro (2010) compreende que o principal motivo é a falta de alternativas para as pessoas. Por serem comunidades com problemas econômicos, o encontro de melhores áreas para habitação torna-se mais difícil. Além disso, o autor compreende que a população permanece porque tem uma descrença na possibilidade de ocorrer desastres e depositam suas crenças em algo externo, que não é o Estado, e que muitas vezes está ligada à religião.

Ainda segundo os autores, os principais motivos são a decorrência da falta de outras perspectivas de lugar para morar. Além disso, estas comunidades aparentam ter uma acomodação em relação ao seu local de habitação chegando a quase um estado de inércia, além de uma percepção do perigo distorcido, ou seja, o morador acredita que o problema sempre será com o outro e nunca com ele.

Já a segunda análise foi por meio dos conflitos ligados à vivência nos condôminos Terra Nova. Uma das maiores necessidades eram novas moradias para quem tinha perdido suas casas soterradas ou interditadas pela defesa civil. Para solucionar o problema foi criado o Complexo de Condomínios Terra Nova. A sua construção foi no sexto Distrito de Nova Friburgo, chamado Conselheiro Paulino, onde foram criados nove condomínios, com capacidade para 20 apartamentos com 42 metros quadrados cada um em cada bloco. (MESSA,2018).

Os conflitos relacionados aos condomínios são inúmeros. Primeiramente, houve críticas ao local escolhido para a construção, visto que, mesmo Conselheiro sendo uma região com importante econômica para a cidade, ele "é marcado pela carência de serviços públicos, principalmente nas suas regiões mais pobres." (MESSA, 2018, p.61) Desta forma, foi questionado porque não foi escolhida uma região com mais desenvolvimento social e que pudesse suprir as necessidades da nova população.

Já no momento de cadastramento, também houve descontentamento, com alegações sobre uma falta de lógica em relação à escolha dos beneficiados, já que muitas pessoas que não precisavam ganharam, enquanto muitas que estavam em situação precária não foram escolhidas (MESSA, 2018).

Após a ocupação dos apartamentos, surgiram conflitos relacionados à reclamações sobre a "mistura" de pessoas de origens diferentes no mesmo bloco. Vale destacar, que "os condomínios foram divididos em parte alta e baixa, sendo que "pelos dados levantados, a maioria das adversidades acontece na parte alta." (MESSA, 2018, p.66) Entre as adversidades existentes estão as brigas de facções criminosos que existem lá dentro, causadas pela concentração de pessoas de diferentes bairros em um só lugar, o que corroborou para uma visão negativa da localidade por parte do resto da população friburguense.

Há também reclamações sobre a estrutura em relação aos pisos, questão hidráulica, a falta de sacadas que estavam na planta original e as inundações nos primeiros andares, entre outros. Ou seja,

"Apesar de anunciados como solução para os desabrigados, quanto mais o tempo passa, crescem notícias negativas sobre a localidade. Tudo indica que o espaço produzido ao invés de representar um bom exemplo de política habitacional, corroborou para ampliar contradições e tensões urbanas pré-existentes." (MESSA, 2018, p.76)

Por fim, todas essas situações corroboram para que os moradores dos condomínios tenham vontade de voltar para os seus antigos bairros. Durante os relatos no estudo de MESSA (2018), percebe-se a falta de ambientação com as casas ao redor, e a falta de pertencimento e uma sensação de uma qualidade de vida pior em relação às infraestruturas (escola, posto de saúde, etc.).

Considerações Finais

Por meio desse trabalho, pode-se identificar que as medidas tomadas para tentar sanar parte dos problemas causados pelo desastre de 2011 desencadearam uma série de novos conflitos. Sendo assim, é importante planejar e executar medidas que visam melhorar as condições de vida dessas pessoas, independentemente da localidade onde elas estão. Após a análise, concluiu-se que nas áreas de risco em Nova Friburgo há presença de conflitos do tipo 1 e 3. Já nos condomínios Terra Nova, são do Tipo 2.

Os problemas relacionados aos desastres são, antes de tudo, problemas sociais e necessitam de ações concretas, principalmente vindas do Poder Público. A invisibilidade, vulnerabilidade e desigualdade, tão presentes no nosso país, fazem vítimas em vários âmbitos, inclusive neste tema. Até termos planos dedicados para acabar com elas, estaremos sempre vulneráveis a novos riscos e novas catástrofes.

Em Nova Friburgo, a situação não é diferente, sem planos concretos de mudanças sociais, os projetos de mitigação ou os planos de retirada de pessoas de suas casas não será suficiente para lidar com as consequências de uma cidade desigual.

Referências

AMORIM, N. **Doze anos após a tragédia climática, Friburgo é considerada a 2 cidade do país com mais áreas de risco**. Multiplix, 2023. Disponível em <https://www.portalmultiplix.com/noticias/cotidiano/doze-anos-apos-a-tragedia-climatica-friburgo-e-considerada-a-2-cidade-do-pais-com-mais-areas-de-risco>

BUSCH, A.; AMORIM, S. **A tragédia da região serrana do Rio: procurando respostas**. 2011. Disponível em <http://repositorio.enap.gov.br/handle/1/328>

COELHO, C. **Friburgo tem 254 áreas de risco com 7.500 casas e 30 mil pessoas**. A Voz da Serra, 2022. Disponível em <https://avozdaserra.com.br/noticias/friburgo-tem-254-areas-de-risco-com-7500-casas-e-30-mil-pessoas#:~:text=Aproximadamente%207.500%20resid%C3%A4ncias%20ocupadas%20por,Secretaria%20Municipal%20de%20Assist%C3%A4ncia%20Social>

FILHO, A.; CORTEZ, A. A problemática socioambiental da ocupação urbana em áreas de risco de deslizamento da “Suíça Brasileira”. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v3, n.1, p.33-40, 2010. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/rbqfe/article/download/232610/26628>

MATA-LIMA, H. et al. Impactos dos desastres naturais nos sistemas ambiental e socioeconômico: o que faz a diferença? **Ambiente & Sociedade**, v. 16, p.45-64, 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/j/asoc/a/b8D9BKhQXYsKhR3X7Lnsxfm/?lang=pt>

MESSA, L. **Pungência e Esperança na Serra: As Lições Dos Condomínios Terra Nova na Busca Pelo Habitar**. Dissertação (mestrado) Universidade Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/28994/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20262-%20Luciana%20Herdy%20Messa.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

MOTTA, L. A questão da habitação no Brasil: políticas públicas, conflitos urbanos e o direito à cidade. **Mapa dos Conflitos Ambientais de Minas Gerais**, 2011. Disponível em https://www.academia.edu/download/35336559/A_questao_da_habitacao_no_Brasil.pdf

RIBEIRO, W. Riscos e vulnerabilidade urbana no Brasil. **Scripta Nova**, v. 14,p.65,2010. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/Wagner-Ribeiro-2/publication/47559346_Riscos_e_vulnerabilidade_urbana_no_Brasil/links/00463534da1ad41c9f000000/Riscos-e-vulnerabilidade-urbana-no-Brasil.pdf